

## **Nacionalismo e Literatura em Cabo Verde**

Uma análise dos romances *Dona Pura e os Camaradas de Abril* e *o Testamento do Sr. Napumoceno da Silva Araújo* de Germano Almeida

---

**BA Eindwerkstuk**  
Portugese Taal en Cultuur - IVT - UU  
Filomena Maria Cunha Poinhos Vicente  
Studentnummer: 0370304  
Begeleider  
Prof. dr. Paulo de Medeiros  
December 2006

# Índice

<b>Introdução.....</b>	<b>1</b>
<b>I. Descoberta, colonização e independência do arquipélago de Cabo Verde.....</b>	<b>2</b>
• Localização geográfica	
• Língua e <i>raça</i>	
• Emigração	
• Alfabetização – contributo para a criação das elites cabo-verdianas	
• A Nação - Cabo Verde - Conferência de Berlim 1884/85	
• P.A.I.G.C. – Amílcar Cabral e a importância da cultura para a consciencialização do Nacionalismo	
• Independência Nacional - 5 de Julho de 1975	
<b>II. Colonialismo, Revolução dos Cravos e o processo de Descolonização no Império Colonial Português.....</b>	<b>8</b>
• O africano <i>civilizado</i>	
• Importância da II Guerra Mundial no processo da descolonização	
• O Nacionalismo na propaganda do Estado Novo	
• Casa dos Estudantes do Império (C.E.I.) – criação das elites revolucionárias	
• Nação, Nacionalismo e Cultura – a arma na luta de libertação nacional de Cabo Verde	
• A Revolução dos Cravos – 25 de Abril de 1974	
• A Descolonização da Guiné e Cabo Verde	
<b>III. Nacionalismo em <i>Dona Pura e os Camaradas de Abril</i>.....</b>	<b>14</b>
<b>IV. Nacionalismo em <i>O Testamento do Sr. Napumoceno da Silva Araújo</i>.....</b>	<b>23</b>
<b>Conclusão.....</b>	<b>33</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>36</b>

## Introdução

*Aliás, num certo Natal em que, por falta de divisas disponíveis, o Governo só muito tardiamente autorizou a importação dos artigos ditos próprios da época, isto é, as frutas secas: figos, ameixas, nozes, amêndoas e também o célebre bacalhau, elas tinham provocado algumas inimizades ao rirem-se das senhoras que se queixavam de que aquele não era Natal não era nada, um Natal sem aquelas coisas não era...Disparate, disseram, essas são as frutas tradicionais da Europa, Cabo Verde não tem nada a ver com isso, aqui devia-se comemorar o Natal com peixe seco, banana frita e papaia cristalizada, por que hão-de se prender à alienação dessas frutas de má qualidade?*

(Germano Almeida, DPCA, 1999:141)<sup>1</sup>

Durante os cinco séculos que vigorou o colonialismo português existiu sempre por parte dos portugueses a necessidade constante de civilizar, cristianizar e educar o Outro dentro dos valores culturais europeus. Este trecho ilustra bem a tomada de consciência do Outro, desta prática do domínio imperialista e a importância da reconquista da personalidade cultural por parte do seu povo para se poder afirmar como nação independente. Escolhi como base para este trabalho abordar a problemática do Nacionalismo em Cabo Verde em dois dos romances do escritor cabo-verdiano Germano Almeida: *Dona Pura e os Camaradas de Abril* e *O Testamento do Sr. Napumoceno da Silva Araújo*. Escolhi estes romances, porque, de maneira muito diferente, tratam da criação de uma nova identidade nacional como tema central. No primeiro romance o período conturbado de luta pela independência de Cabo Verde é narrado da capital do império – Lisboa – no segundo romance o palco dos acontecimentos é a cidade, culturalmente mais desenvolvida, de Cabo Verde – o Mindelo. Durante a análise destes romances tentarei responder à pergunta que está na base deste trabalho: Em que moldes, nestas obras, se constrói o nacionalismo em Cabo Verde?

Mas antes de analisar estes romances descreverei o contexto político-histórico em que estão inseridos, começando por uma breve narração da descoberta, colonização e independência do arquipélago de Cabo Verde, a sua importância como posição estratégica no quadro das navegações atlânticas, e devido à incapacidade do Império para responder às necessidades do colonizado, a emigração em massa do povo cabo-verdiano para outros países à procura de melhores condições de vida e a repercussão desta realidade na afirmação dos valores culturais fora do território insular. Na segunda parte referirei o contexto político-

---

<sup>1</sup> Almeida, Germano. *Dona Pura e os Camaradas de Abril*. Lisboa: Editorial Caminho, 1999. De ora avante indicado pela sigla DPCA.

histórico em que surgiu o Nacionalismo Africano. Nomeadamente a importância da Segunda Guerra Mundial para o início da descolonização mundial. A posição de Portugal neste processo, a utilização da propaganda na exaltação dos valores nacionalistas, com o objectivo de criar uma identidade colectiva em Portugal e nas colónias, em prol e defesa da Nação portuguesa. A Casa dos Estudantes do Império (CEI) e a formação das elites revolucionárias contra o colonialismo português. A formação, a ideologia e os objectivos do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (P.A.I.G.C.) na luta de libertação nacional. Terminarei, com uma breve narração sobre a Revolução dos Cravos e a consequente independência da Guiné e Cabo Verde.

Nestes dois primeiros capítulos tenho como principal objectivo nomear e desenvolver os conceitos e acontecimentos político-históricos que são referenciados nestas duas obras. Contudo, esta análise será elaborada tendo como base a problemática do nacionalismo, da nação e o conjunto de referências culturais nomeadas pelo escritor de forma a caracterizar a identidade colectiva que uniu, nas palavras de Cabral, e une, nas frases de Germano Almeida, o povo cabo-verdiano.

Nos dois últimos capítulos analisarei as obras, tendo em conta as personagens que, na minha opinião, personificam a construção de uma nova identidade nacional, as referências destas à importância das tradições culturais para a constituição da História e para a solidificação da Cultura na afirmação da Nação, Cabo Verde. Terminarei fazendo um resumo deste trabalho com o intuito de tentar responder à questão que levantei no início deste capítulo.

## **I. Descoberta, colonização e independência do arquipélago de Cabo Verde**

*...na noite seguinte assaltou-nos um temporal de sudoeste com vento forte; (...) Ao terceiro dia tivemos vista de terra, gritando todos terra, terra, e muito nos admirámos porque não sabíamos de aquelas paragens haver terra. Mandámos subir ao mastro dois homens, que descobriram duas grandes ilhas; o que, sabido de nós, demos graças a nosso Senhor Deus, que nos levava a ver coisas novas, pois bem sabíamos que destas ilhas não havia notícia alguma em Portugal. (...) Foram e buscaram muito, mas não encontraram nem estradas nem vestígios pelos quais se pudesse entender que fôsse habitada. (...) ...chegados outros aqui, foram reconhecê-las e descobriram que eram dez ilhas, entre grandes e pequenas, desabitadas...(...)...à primeira ilha onde desembarcámos, demos o nome de Ilha de Boa Vista, por ter sido a primeira vista de terra naquelas partes; e a esta outra, que nos parecia a maior das quatro, demos o nome de Ilha de Sant'Iago...*

(Cadamosto,1944:127-131)

Esta expedição marítima estava ao serviço do infante D. Henrique, quando em 1456 avistaram o arquipélago de Cabo Verde, que é formado por 10 ilhas e 8 ilhéus. O seu nome – Cabo Verde – deriva da sua posição fronteira ao cabo Verde no litoral do Senegal e como comprova este pequeno excerto, o arquipélago era desconhecido dos navegadores portugueses. Para além do Senegal Cabo Verde tem também uma posição fronteira com a Mauritânia e a Guiné-Bissau. À semelhança das outras ilhas atlânticas Cabo Verde não estava habitado, a sua população seria constituída por europeus, na sua maioria portugueses, e africanos provenientes da Guiné. Também da Guiné viriam mercadorias como escravos, ouro, marfim e malagueta que depois seriam transportados pelos navios para os outros territórios do império. O arquipélago teve, assim, durante todo o período colonial uma importância estratégica para as rotas intercontinentais (Europa, África, Ásia e América) e transatlânticas.

A Língua Portuguesa em contacto com as diferentes Línguas que traziam os diferentes povos de África deu origem a uma Língua comum entre os habitantes de Cabo Verde – o Crioulo de Cabo Verde. Para além do Crioulo o cabo-verdiano exprime-se também em Português, o bilinguismo é uma realidade que caracteriza o arquipélago até aos nossos dias. Actualmente, devido à forte emigração do povo cabo-verdiano, o Crioulo é falado nos Países Baixos, Luxemburgo, Estados Unidos, Senegal, França, Itália e Portugal. Todavia, não é ainda reconhecida como Língua oficial de nenhum país. Interessante é o facto do cabo-verdiano emigrado falar o Crioulo e não o português, em detrimento da Língua Portuguesa ele adopta a Língua do país que o recebe (Henriques, 2000:239).

A miscigenação entre portugueses e africanos deu origem ao elemento crioulo. O mulato representa mais da maioria da população cabo-verdiana permitindo através desta realidade uma autenticação da identidade do cabo-verdiano no mundo:

*...ela era uma rapariga linda, morena quase branca, alta, de cabelo fino, enfim, uma estampa.*

(DPCA,1999:35)

O arquipélago de Cabo Verde ao contrário de outras colónias portuguesas não tinha riquezas naturais, como por exemplo o ouro na Guiné ou os diamantes em Angola, nem o solo era fértil:

*...um povo cujo principal meio de vida é a agricultura. Cultivar a terra para tirar o necessário para comer e nem sempre tirar o necessário para comer, como em Cabo Verde...* (Cabral,1999:39)

E, é para fugir à fome, às consequências sempre desastrosas das secas e à falta de trabalho que os cabo-verdianos vão emigrar à procura de melhores condições de vida.

*Even where food supplies are concerned, colonialism gives proof of its inherent incapability.*

(Fanon, 1995:153)

Primeiro nos baleeiros norte-americanos, depois para Dakar, não ao Senegal, mas à cidade, principalmente quando os franceses começaram a construir o porto. Realidade que Cabral censurou:

*Quando vemos o porto de Dakar, ou mesmo o porto de Conakry, que são bons portos, e melhores ainda os de Abidjan ou de Lagos, na Nigéria, podemos verificar como é que os franceses e os ingleses fizeram grandes portos, onde vinte e tal barcos ou mais podem atracar. E vemos quanto tempo o tuga perdeu a gozar-nos, a tomar, a levar e a brincar. Não fizeram nada para a nossa terra.*

(Cabral 1999:39)

Emigram também para São Tomé e Príncipe para trabalharem nas plantações, aqui vão se especializar na produção da cana do açúcar para fabricar o *grogue* que, até aos dias de hoje, continua a ser uma produção cabo-verdiana. Todavia, o cabo-verdiano prefere emigrar para os Estados Unidos que lhe permite uma ascensão social, a frequência das escolas e das universidades, ao contrário da emigração para São Tomé que representava o trabalho agrícola violento, com uma remuneração muito reduzida (Henriques, 2000:239). A importância dos Estados Unidos para o cabo-verdiano vem assinalada nesta interessante afirmação:

*Não deixo porém de pensar ser uma pena que a distante América teime em roubar-nos excelentes esposas e futuras mães.*(Germano Almeida, TSNSA, 1991:63)<sup>2</sup>

Por fim, a emigração temporária para Portugal no caso específico dos estudantes do ensino superior. Facto aproveitado por Germano Almeida para duas das personagens na obra DPCA: Natal que irá para Lisboa estudar engenharia e o narrador-participante para estudar Direito.

A população emigrada chega a ser superior à população residente no território insular. Todavia, só através de laços culturais muito fortes, se poderá explicar a ligação do cabo-verdiano à sua terra-mãe<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Almeida, Germano. *O Testamento do Sr. Napumoceno da Silva Araújo*. Lisboa: Editorial Caminho, 1991. De ora avante indicado pela sigla TSNSA.

A pobreza do arquipélago como não permitia o enriquecimento rápido deixou muito cedo de atrair os Europeus. Contudo os cargos principais continuaram a ser exercidos por portugueses nomeados pela metrópole, mas os cargos médios e sobretudo inferiores passam a ser exercidos pelos nativos cabo-verdianos. Como poderemos comprovar pelo seguinte trecho do DPCA:

*...meu tio, um funcionário público tradicionalista e rigoroso nos princípios..* (1999:22)

À medida que o número de nativos cabo-verdianos iam completando o curso geral dos liceus, consequência da transformação do estatuto do seminário de São Nicolau para a criação do liceu Gil Eanes em São Vicente (Henriques, 2000:239), também foram aumentando o número de nativos cabo-verdianos no funcionalismo público. Cabral chamou a atenção para o mito da alfabetização do cabo-verdiano, que apesar de conhecer as letras e ser capaz de ler, não entendia o que lia, portanto uma forma de analfabetismo:

*Mas a percentagem de analfabetismo em Cabo Verde, contrariamente à vaidade de algum cabo-verdiano que tem a mania que sabe muito, é de 85%. Os tucas gabavam-se, dizendo que em Cabo Verde não há analfabetos. É falso! Mas daqueles que sabem ler, eu fiz a experiência em 1949, quando lá fui passar férias, havia gente com o 2º grau (...) no mato, (...), e a quem se lhes dava o jornal para lerem, mas não sabiam o que estavam a ler.* (1999:43)

Para além do funcionalismo público estava também nas mãos dos autóctones a agricultura, assim como a parte mais importante do comércio. Esta afirmação está personalizada na personagem, da obra TSNSA, o Sr. Napumoceno da Silva Araújo que sendo cabo-verdiano pobre de S.Nicolau se irá tornar num importante e rico comerciante do Mindelo.

Sem dúvida que o caso de Cabo Verde, no espaço colonial português, é único. Pois à medida que a burguesia colonial portuguesa foi renunciando a instalar-se no arquipélago, os nativos cabo-verdianos vão-se colocando em cargos de responsabilidade e exercendo profissões que lhe trazem uma ascensão social.

*O certo é que o administrador aposentou-se e resolveu vir viver em Lisboa, o cabo-verdiano teve sempre o umbigo na Metrópole...*(DPCA1999:38)

Posições sociais que o cabo-verdiano irá aproveitar para se integrar cada vez mais nas formas de estar da cultura europeia e por consequência afastar-se das práticas da cultura

---

<sup>3</sup> No capítulo III desenvolverei a associação metafórica da nação com a mulher - mãe

africana, exemplo disso, é a ausência nos corpos de marcas físicas como as tatuagens ou a escarificação tão comuns nos outros povos africanos (Henriques, 2000:237). Dentro do Império Colonial Português o cabo-verdiano foi sempre considerado como o nativo mais europeizado: sabe ler e escrever, a sua indumentária é a que mais se aproxima daquela utilizada pelos europeus, são especialistas do trabalho da pedra e da madeira, são bons mecânicos e socialmente têm já uma burguesia em ascensão.

*Porém, toda a gente o empurrava para as áfricas, Angola, terra de futuro, diziam para o aliciar, Moçambique...o cabo-verdiano não era nesses lugares considerado preto, pelo contrário, vivia e era tratado como branco, muitos mesmo chegavam a ser piores com os pretos do que os próprios mandrongs<sup>4</sup>...(DPCA, 1999:75)*

Todavia, estes factos vão ser contestados por Cabral que irá classificar o cabo-verdiano como meros *agentes do colonialismo* (Cabral, 1999:44). Cabral, líder do P.A.I.G.C., vai fazer do combate político, durante a luta de libertação nacional, a exaltação dos símbolos culturais cabo-verdianos para os consciencializar da sua africanidade:

*Mas quem conhece o mato em Cabo Verde, sente que Cabo Verde é uma realidade africana tão palpitante como qualquer outro pedaço em África. A cultura do povo de Cabo Verde é africaníssima: nas crenças é idêntico...(...)...feitiçaria (morundade), “Almas” que aparecem de noite, gente que voa, que faz, que acontece, como interpretação da realidade da vida que é perfeitamente igual a África. (Cabral, 1999:44-45)*

Apesar do arquipélago de Cabo Verde ter sido descoberto em 1456, as suas fronteiras, assim como todas as fronteiras de todos os territórios africanos, são oficialmente definidas na Conferência de Berlim de 1884/85. Aqui apenas se considerou os interesses das nações colonialistas e se ignorou os interesses dos vários povos africanos:

*...the Western powers divided up Africa between them by drawing arbitrary borders around various parts of the continent. The colonial borders of these new “nations” ignored the africans own maps of the continent. (McLeod, 2000:76)*

O arquipélago manteve durante o processo de descolonização, tal como em todo o período colonial, uma posição única. Sem luta armada ou pressão internacional forte Cabo Verde vai conquistar a sua identidade política, a sua Independência Nacional, a 5 de Julho de 1975. Todavia, foi na ilha de Santiago que ficou uma das provas mais marcantes do colonialismo português - o Campo de Concentração do Tarrafal - , mais conhecido como *Empresa de Morte Lenta*. Este campo foi criado pela ditadura salazarista em 1936, com o

---

<sup>4</sup> *Mandrongo*: pessoa natural de Portugal. In: *Glossário*, DPCA, 1999:226

nome de Colónia Penal e destinava-se a presos por crimes políticos. Um dos testemunhos vivos dos anos de atrocidades vividos no Campo relata:

*Embora não tivesse o forno crematório como Treblinka e Dachau, tinha todas as características de um verdadeiro campo de concentração. Construído numa das regiões mais agrestes e insalubres do concelho do Tarrafal, o paludismo e a bilirose ceifaram a vida de dezenas de anti-fascistas portugueses. Os trabalhos forçados, as arbitrariedades e a falta de cuidados médicos são testemunhos desse mundo desumano. A famosa frigideira...(...) segundo os cálculos deveria fazer lá dentro 50 a 60 graus...(...) Esta tortura era agravada pela falta de alimentos. Dia sim, dia não, só lhes eram dados pão e água. (Martins, 1995:139)*

A responsabilidade de acabar com esta tortura humana foi personificada pela personagem Natal em DPCA...*tomou a suprema resolução de redigir ele mesmo e enviar...um austero telegrama ao director do Campo de Concentração do Tarrafal...:”Ordem expressa MFA vírgula proceder imediata libertação todos os presos políticos desse estabelecimento prisional...(1999:56)*

Neste primeiro capítulo localizei o arquipélago de Cabo Verde no continente africano, sublinhei as suas particularidades no espaço colonial português, como a Língua, a criouliidade, a problemática da emigração como solução à passividade do Império perante a falta de riquezas naturais do arquipélago, referi a educação escolar dos cabo-verdianos como factor fundamental para a ocupação por eles de uma parte muito significativa da função pública e da importância da ascensão de uma burguesia cabo-verdiana. Tive o cuidado de referir que isto só foi possível, porque a burguesia colonial portuguesa, interessada num enriquecimento rápido, não viu em Cabo Verde uma fonte de riqueza. Esta situação única no Império Colonial Português favoreceu a sua “rápida” independência em 1975. Durante este capítulo referi também a posição crítica do líder, Amílcar Cabral, do partido P.A.I.G.C. que afirmou que os colonialistas portugueses só deixaram os cabo-verdianos estudarem, porque precisavam de gente para fazer agentes do colonialismo (Cabral, 1999:44).

No capítulo seguinte abordarei o contexto político-histórico dos temas tratados em *Dona Pura e os Camaradas de Abril* e *O Testamento do Sr. Napumoceno da Silva Araújo* relativos à política colonialista de Portugal.

## II. Colonialismo, Revolução dos Cravos e o processo de Descolonização na Guiné e Cabo Verde

*...o traje indígena vai-se aproximando cada vez mais do padrão europeu e a habitação evolui, se não para melhor..., pelo menos no sentido de uma maior aproximação da construção portuguesa ou europeia. (...) O preto dia a dia vai-se cristianizando...(...) E assim vai também arrastado na rota lenta mas segura da acção civilizadora portuguesa, perdendo o seu carácter tribal, ..., para ser mais um português consciente da sua pessoa. (...) O utensílio de uso comum, como a colher, outrora quase objecto de arte, vai-se tornando mais e mais utilitário e mais adaptado à sua função.*

(Sousa, 1953:25-26)

Este pequeno trecho reflecte a imposição por Portugal, dos valores culturais europeus nos territórios colonizados. O objectivo desta política consistia em fazer do selvagem do negro ou do indígena um homem cristão, educado e civilizado, isto é, fazer do Outro uma cópia do homem europeu. Durante os cinco séculos (XV-XIX) que vigorou o colonialismo foi esta a política cultural das potências europeias nas suas colónias. Todavia, a realidade de domínio sobre o Outro vai sofrer a primeira viragem com a assinatura em 1941 da Carta Atlântica. Este documento assinado por Roosevelt e Churchill, como reacção à Alemanha nazista, previa a libertação dos povos subjugados:

*...o documento exigia que se abrisse mão de modificações territoriais sem a aprovação voluntária dos povos afectados, defendia o direito de autodeterminação dos povos, principalmente na escolha dos seus regimes governamentais e propagava a igualdade de direitos no acesso ao comércio mundial e às matérias-primas.<sup>5</sup>*

Durante a Segunda Guerra Mundial (1940-1945) os povos das potências europeias lutaram em defesa da sua pátria, da sua Nação contra o ataque das tropas de Hitler. A luta pela defesa da Nação não foi apenas uma defesa territorial, de linhas que ainda que imaginárias no espaço físico foram delineadas nos mapas geográficos, mas tratou-se também da defesa do conjunto de todos os valores nacionalistas, como por exemplo, a cultura, a Língua, a política, a bandeira, o hino, enfim, tudo aquilo que possa caracterizar a História de uma Nação. São estes valores nacionalistas que irão transformar cada identidade individual numa única identidade colectiva e, será como Nação, como um todo que lhes irá ser possível imporem-se e triunfarem contra o colonialismo alemão. As potências europeias que ao longo dos séculos tinham colonizado os povos africanos lutavam agora pela sua “autodeterminação”, o colonizador era agora contra o colonialismo. Esta consciencialização por parte das potências colonizadoras e o facto da guerra ter arrasado a Inglaterra e a França, são factores que

---

<sup>5</sup> Fonte: [www.dw-world.de](http://www.dw-world.de)

contribuirão para o início da descolonização das colónias em África. Este processo foi da responsabilidade da Organização das Nações Unidas (ONU), criada para defender a paz e a autodeterminação dos povos. Com o final da guerra surgem duas grandes potências: os Estados Unidos, capitalista, e a União Soviética, comunismo. Estavam reunidas as condições necessárias para o aceleração do processo de descolonização das colónias em todo mundo.

No final da guerra era, assim, evidente que todas as colónias teriam que se tornar independentes. Todavia, esta realidade não foi evidente para o governo fascista de Salazar. O narrador autodiegético de DPCA caracteriza o fascismo desta forma,

*.. aparelho policial reforçado, culto do chefe, defesa da desigualdade humana e portanto apologia da discriminação, prática aberta da violência em todas as suas formas, e acima de tudo um anticomunismo primário e doentio.* (1999:172)

Salazar tudo fez para contornar as pressões internacionais que condenavam o colonialismo português. A sua grande arma será a propaganda através da qual irá criar uma identidade colectiva à volta da Nação portuguesa. Consciencializar o povo português *que vive na miséria, na ignorância e no medo* (Cabral, 1999:168), para a grandeza e a riqueza do Império Colonial Português. A política nacionalista empreendida por Portugal consistia no culto dos heróis nacionais, respeito pelas tradições, exaltação do passado glorioso, uma visão que pretendia transmitir *o amor e o orgulho do verdadeiro Portugal, aquele que se estende por mais de dois milhões de quilómetros quadrados aos quatro cantos do mundo e que une mais de quinze milhões de habitantes* (Léonard, 2000:25). As colónias faziam também parte da pátria portuguesa, eram o corpo e a alma de Portugal. Salazar insistiu sempre *na suposta originalidade da colonização portuguesa e nas faculdades inatas dos Portugueses para se fundirem na vida local, se integrarem e se misturarem nas populações locais* (Léonard, 2000:37), assim, segundo Salazar, o território português era pluricontinental e multirracional. Esta ideia da singularidade de uma colonização portuguesa caracterizada por uma propensão para a mestiçagem, para a mistura das culturas vem da teoria Luso-Tropicalismo criada pelo, sociólogo e antropologista, brasileiro Gilberto Freyre (1900-1987). Na sua obra *O Mundo que o Português criou* (1940), Gilberto Freyre faz referências a ausência de racismo no Brasil e em Portugal, à unidade cultural luso-afro-brasileira e sobre as virtudes da miscigenação (Léonard, 2000:38). Freyre a convite do governo português vai visitar durante seis meses (Agosto 1951 a Fevereiro 1952) as províncias ultramarinas portuguesas. Desta visita resultaram duas obras: *Aventura e Rotina* e *Um brasileiro em terras Portuguesas*. Foi sobretudo de Cabo Verde e com o escritor Baltasar Lopes que vieram as críticas mais

violentas contra as afirmações de Freyre. Segundo Freyre Cabo Verde era comparável às Caraíbas, ilhas em que as populações eram africanas na cor, aspecto e cultura e apenas tinham “salpicos” de influência europeia (Almeida, 2004: 267). Baltasar Lopes, segundo Almeida, a *figura-chave da formação intelectual cabo-verdiana engajada na construção de uma identidade nacional* (2004:266), vai com base em apontamentos lidos ao microfone da Rádio Barlavento em 1956 (Léonard, 2000:40) escrever *Cabo Verde visto por Gilberto Freyre*, onde afirma que o cabo-verdiano *...apesar de o aspecto exterior poder até ser predominantemente africano, a cultura mestiça é especialmente portuguesa...(...)...o filho da terra, portador de uma expressão linguística própria e híbrida, mas enraizada no português* (Almeida, 2004:274). Lopes pretendeu demonstrar neste trabalho que *em Cabo Verde a criouliização é um processo que tem início logo na formação do território* (Almeida, 2004:305), é verdade que a escravatura e a miscigenação são comuns em Cabo Verde e nas Caraíbas, contudo as ilhas desertas ocupadas por portugueses e escravos, oriundos de África, vão dar origem às relações entre europeus e africanos e à conseqüente criação do elemento crioulo. E, é na criouliidade que se descreve a identidade nacional cabo-verdiana (Almeida, 2004:305).

Em 14 de Dezembro de 1955 Portugal torna-se membro da ONU e esta recomenda a independência das colónias portuguesas (Léonard, 2000:44). Todavia, e no seguimento da teoria do Luso-tropicalismo, o governo português altera a designação de colónias portuguesas para províncias ultramarinas e concede a cidadania aos seus habitantes. Com estes procedimentos Salazar tinha como objectivo que a ONU não colocasse Portugal na lista dos territórios a descolonizar. Contudo, a 15 de Dezembro de 1960 a ONU rejeita estas designações e insiste na autodeterminação dos *territórios não autónomos* (Léonard, 2000:44).

A Casa dos Estudantes do Império (C.E.I.) foi fundamental para a autodeterminação das “províncias ultramarinas”. Criada e financiada desde 1944 pelo Estado Novo, a CEI é um organismo associado à Mocidade Portuguesa (Pinto, 2000:65), com a finalidade de apoiar os estudantes vindos das colónias e de criar nos seus espíritos uma mentalidade imperial. Todavia, este organismo vai ser o berço das elites revolucionárias para a luta de libertação das colónias.

Estas elites revolucionárias, entre elas Amílcar Cabral, vão formar entre si os movimentos nacionalistas que reivindicarão a descolonização das colónias portuguesas em África e a sua emancipação política, económica e cultural. Estes movimentos Nacionalistas vão ter como base o Nacionalismo Europeu. Como afirma Cabral:

*Se queremos fazer uma coisa na realidade, temos que ver quem é que já fez igual, quem fez parecido, quem fez ao contrário, para podermos adquirir alguma coisa da sua experiência.* (1999:35)

O Nacionalismo, de *nacional* + sufixo *-ismo* (p.1136)<sup>6</sup>, é a ideologia que incita os povos à formação de Estados soberanos e à reivindicação da sua independência. Preconiza a existência do Estado-nação. O Estado que representa a entidade política e a Nação a entidade humana. O conceito de Nação tem as suas raízes na palavra latina *natio*, *nationes* que designa povos ou diferentes grupos humanos etnicamente ligados que habitam um determinado espaço geográfico. A autodeterminação de uma Nação consiste em defender o seu povo, território e todas as tradições culturais que os unem, como por exemplo, a etnia, a Língua, a religião, a *raça*, todas essas particularidades que unem os diferentes indivíduos num único grupo. Segundo Almeida, *as “raças” serviram para diferenciar entre colonizadores e colonizados; os “povos” ou “nações” para diferenciar unidades nacionais...(…)...*; e *as “etnias”, para conferir um conceito mais universal que abrangesse as diferenças entre grupos...distinguidos sobretudo pelo critério linguístico – quer fossem europeus ou extra-europeus* (2004:83). Com a Revolução Francesa (1789), o termo Nação foi utilizado para identificar o povo e o seu direito à *Liberdade, Igualdade e Fraternidade* e foi no espírito desta revolução que emerge o conceito político de Estados-Nação europeus. Assim, *sabemos hoje que a criação do Estado-nação foi feita na base de violências reais e simbólicas, de exclusão do Outro e de invenção do Mesmo.* (Almeida, 2004:81). Portanto, conceitos como nacionalismo, nação e Estado estão intimamente ligados entre si.

Serão estes os princípios básicos que formaram o Nacionalismo Africano. Em 19 de Setembro de 1956 Amílcar Cabral e mais cinco elementos formam o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (P.A.I.G.C.) em Bissau (P.A.I.G.C., 1974:172). Na sua obra, *Nacionalismo e Cultura*, Cabral para além de exaltar a importância da experiência dos outros para o sucesso da luta, lembra que essas experiências têm que ser sempre adaptadas à realidade que os condiciona. *Experiências retiradas da Europa, ...sobre a forma de organizar a luta, de organizar um Partido, opinião que aprendi, por exemplo, na Europa...*(1999:28). A Revolução Americana é também uma importante referência, pois foi através de um acto revolucionário que conquistou a sua independência no dia 4 de Julho de 1776. E, foi através deste acto revolucionário que os Estados Unidos da América conquistaram o seu direito à independência e à escolha livre de cada cidadão. Uma experiência expressa no trabalho de Cabral,

---

<sup>6</sup> Dicionário da Língua Portuguesa. 8.ª edição revista e actualizada. Porto: Porto Editora. 1999.

*E há uma realidade política nova que surgiu na nossa terra e que é a seguinte: nós mandamos em nós mesmos.* (1999:51)

Cabral refere-se ainda à *autodeterminação para todos os povos, cada povo deve escolher o seu destino, tê-lo na sua mão* (1999:54), conceito criado como vimos anteriormente na Carta Atlântica. E, por fim, a influência do socialismo.

Considerado o pai do Nacionalismo da Guiné e Cabo Verde (García 1999:11)<sup>7</sup> Cabral sintetiza na Nação o objecto da sua luta:

*Qualquer que seja o lugar onde tenhamos a nossa cabeça, os nossos pés estão fincados no chão da nossa terra, na Guiné e Cabo Verde, na realidade concreta da nossa terra, que é o facto principal que pode orientar o trabalho do nosso Partido.* (1999:27)

E, na Cultura a base e fonte de inspiração da luta. Segundo Cabral era necessário *reafricanizar* os povos da Guiné e Cabo Verde, pois *a libertação nacional dum povo é a reconquista da personalidade histórica desse povo, é o seu regresso à história, pela destruição da dominação imperialista a que esteve sujeito* (1999:87).

Se o domínio imperialista, através da “missão civilizadora” praticava a opressão cultural, então e segundo Cabral a luta de *libertação nacional é, necessariamente, um acto de cultura* (1999:105).

O partido propunha em traços muito gerais combater a autoridade colonial e oferecer ao seu povo marcado pela pobreza, miséria, exploração, discriminação, desigualdade e infelicidade uma nação perfeita, próspera, justa e feliz.

*Fazer do nosso Partido um instrumento eficaz para a construção da liberdade, de paz, do progresso e da felicidade do nosso povo, na Guiné e em Cabo Verde.* (1999:188)

O apoio do povo vai ser fundamental para todos os movimentos de libertação, pois representam a classe mais numerosa e mais explorada.

Em 1970, o papa Paulo VI recebe os dirigentes máximos dos três Movimentos de Libertação das colónias portuguesas – M.P.L.A, Frelimo e P.A.I.G.C. e é através deste acto que a Igreja demonstra o seu apoio à independência das colónias (P.A.I.G.C., 1974:175). Salazar morre, neste mesmo ano, e Marcelo Caetano sobe ao poder.

---

<sup>7</sup> In: CABRAL, *Nacionalismo e cultura*. Santiago de Compostela: Edicións Laiovento, 1999.

Em 1972 a ONU aprova uma resolução de apoio aos movimentos de libertação das colónias. Caetano insiste em continuar a política de Salazar, mas não encontra nos militares o apoio de que necessita. Para o general e comandante militar da Guiné-Bissau (nomeado em 1968 e 1972), António de Spínola, era necessário alterar a política africana sobre o risco de irremediavelmente perder a guerra. Marcelo Caetano rejeita. Spínola, em 1974, publica o livro *Portugal e o Futuro*, onde o general declara a falência da política africana e defende a autodeterminação dos territórios e o federalismo. Marcelo demite Spínola. A guerra colonial (1961-1974), a profunda crise do Estado e o “movimento dos capitães” (grupo de quadros militares intermédios na sua maioria capitães, politizados à esquerda) mais tarde Movimento das Forças Armadas – MFA, constituem o sustentáculo inicial do processo de transição para a democracia e a conseqüente descolonização portuguesa e fim do Império Colonial Português (Pinto, 2000:87). Assim, com os objectivos do fim da guerra colonial e o restabelecimento da liberdade e democracia, o MFA derruba o governo através de um golpe militar em 25 de Abril de 1974.

*...o 25 de Abril significou uma viragem mundial em todas as políticas, teve um implicação internacional que começou com o fim da era colonial,...(DPCA, 1999:54)*

Este acontecimento ficou também conhecido como a Revolução dos Cravos, o cravo foi colocado por populares nos canos das armas de fogo dos soldados para demonstrarem o seu apoio à Revolução e neutralizarem a violência inerente às armas.

*O povo vitoriava os soldados, as vendedeiras de flores metiam-lhes cravos nos canos das espingardas, outras pessoas levavam-lhes comida, sandes, garrafas de laranjada..., quem conhece a história deste país sabe como este povo pode ser extraordinário e é capaz de assumir até às últimas conseqüências as causas que abraça. (DPCA, 1999:88)*

Spínola sobe ao poder, primeiro como presidente da Junta de Salvação Nacional e a 15 de Maio de 1974 como Presidente da República<sup>8</sup>, e inicia-se o denominado período revolucionário, com o objectivo de Democratizar, Descolonizar e Desenvolver, os três Ds do MFA. Foram libertados os presos políticos e regressam os exilados políticos entre eles encontravam-se o socialista Mário Soares e o comunista Álvaro Cunhal. Acaba-se a censura, a polícia política e o partido único.

---

<sup>8</sup> Centro de Documentação 25 de Abril – Universidade de Coimbra:  
<http://www.uc.pt/cd25a/wikka.php?wakka=mfa6>

*...os presos políticos tinham sido libertados, muitos fascistas presos, a PIDE quase desmantelada e os seus chefes em fuga ou a ferros, Caetano e Tomás já estavam no Brasil, Soares e Cunhal tinham desembarcado, um em Santa Apolónia o outro na Portela, ambos no meio das maiores ovações populares...* (DPCA, 1999:148)

O general Spínola a 27 de Julho de 1974 reconhece o direito à independência das colónias africanas. A 9 de Setembro do mesmo ano reconhece a Guiné-Bissau como país independente e a 5 de Julho de 1975 Cabo Verde.

Neste capítulo referi a destruição pelo Império dos valores culturais dos povos africanos para os tornar em povos europeus e da importância dos valores nacionalistas na luta contra a Alemanha nazi, na luta de Portugal contra a perda das suas colónias e da importância destes valores na luta de libertação nacional do P.A.I.G.C.. Referi a base da ideologia deste partido - a Cultura, a forma de reafriancarizar o povo da Guiné e Cabo Verde para que através deste processo haja a consciencialização pelo povo da existência da Nação. Terminei caracterizando, muito sucintamente, a Revolução dos Cravos e a consequente independência das colónias. Abordei estes aspectos, porque de uma forma geral são os acontecimentos referidos nas obras que eu agora passarei a analisar.

Nos próximos capítulos analisarei as obras *Dona Pura e os Camaradas de Abril* e *O Testamento do Sr. Napumoceno da Silva Araújo* com o objectivo máximo de responder à pergunta que está na base deste trabalho: Em que moldes, nestas obras, se constrói o nacionalismo em Cabo Verde?

### **III. O Nacionalismo em *Dona Pura e os Camaradas de Abril***

*Duplas, só whiskies, digo-lhe, nessas coisas não pode haver duplicidade, a nacionalidade é uma das principais maneiras de um homem revelar a sua identidade, acredito que não seja por acaso que nascemos num lugar e não noutra.*

(DPCA, 1999:63)

O direito à nacionalidade pressupõe já a existência de uma Nação. Esse território que uma identidade individual se une, em termos jurídicos, ao Estado e, em termos sociais, a uma identidade nacional. Neste fragmento, ao contrário das actuais tendências na multiplicidade de nacionalidades que um indivíduo pode possuir, o narrador autodiegético critica este facto e afirma que a identidade de um indivíduo só poderá estar ligada a uma única Nação. Entendo, que com esta afirmação não só se critica a realidade dos indivíduos e nações actuais como, também, se detecta o uso da Literatura para a defesa de uma nacionalidade que, nas palavras

do narrador, deverá ser única e, porque só “nascemos num lugar e não noutra” a identidade individual só poderá estar ligada a uma Nação. Este excerto, na minha opinião, demonstra o papel fundamental que a Literatura poderá exercer na construção, na divulgação e na protecção da identidade nacional. Fanon denomina este tipo de Literatura, como sendo uma Literatura de combate:

*...in the sense that it calls on the whole people to fight for their existence as a nation. It is a literature of combat, because it moulds the national consciousness, giving it form and contours...it assumes responsibility, and because it is the will to liberty expressed in terms of time and space.*  
(1995:155)

Assim, o contributo do escritor é importante na formação de uma consciencialização nacional. Esta é uma realidade para a qual o nosso narrador tem perfeita consciência: *...não deixei de pensar como a literatura podia retratar a vida real* (1999:89). A relação do “native intellectual” com o povo vai-lhe proporcionar o conhecimento da realidade nacional, chamando a si a responsabilidade de construir uma identidade colectiva à volta de tradições culturais e de alertar esta mesma Nação para as armadilhas do neo-colonialismo (Ngugi, apud McLeod, 2000:92).

Esta obra surgiu a pedido da Editora Caminho para assinalar o 25.º aniversário do 25 de Abril. Assim, logo na primeira página somos informados que o objectivo desta obra é narrar um acontecimento histórico decorrido em Portugal – Lisboa, mas na perspectiva de uma Nação que foi colónia portuguesa. A Editora deu desta forma voz a quem durante quase cinco séculos foi obrigada a viver no silêncio imposto pela política do Estado Novo.

A acção começa num Cabo Verde independente e é através da memória e flashbacks do narrador, estudante de Direito a viver temporariamente em Lisboa, que somos conduzidos à época conturbada de luta pela independência de Cabo Verde, o passado colonial da Nação, que aqui se mistura com a luta em Lisboa por um Portugal livre da ditadura. Este narrador identifica-se com a personagem principal e narra os acontecimentos na primeira pessoa, é portanto um narrador autodiegético. Esta personagem é quem faz a ligação entre o passado (colonial) e o presente (pós-colonial) da acção. Interligando, sempre, estes dois tempos, o narrador vai partir do presente, 25 anos após o 25 de Abril de 1974, para nos transportar para a capital do Império Colonial Português – Lisboa, na época conturbada da viragem política de Ditadura a Democracia. Desta época o narrador vai descrever, numa linguagem humorística e satírica, os acontecimentos do dia 25 de Abril:

*O que está provado é que através do rádio a gente fica a saber de muito mais coisas sobre o golpe de Estado do que saindo para a rua...* (DPCA, 1999:86)

Todavia, não é este o dia, aquele que simboliza a liberdade de Portugal, que, no presente da acção, se comemora, mas sim, o dia 25 de Setembro de 1974, o dia em que os estudantes ocuparam *...o último bastão do colonialismo, a Casa de Macau* (DPCA, 1999:206). As ocupações destas casas, Casa de Cabo Verde e Guiné, Casa de Angola, Casa de Moçambique, etc, passaram *...a agir publicamente como verdadeiras possessões dos colonizados em território do colonizado.* (DPCA,1999:19). Assim, o dia 25 de Abril ou, melhor, o dia 25 de Setembro representa, para todas as colónias, mesmo quando...*ninguém se tinha lembrado que Macau é também uma colónia portuguesa...* (DPCA, 1999:207), o fim da época colonial, o fim do imperialismo, o fim da exploração do homem pelo homem e o nascimento de todas as Nações como independentes e livres.

Cabo Verde é livre e independente. O personagem-narrador chama a si a responsabilidade de criar uma consciencialização da existência de uma História e Cultura própria cabo-verdiana para que a Nação se legitime do colonizador e se afirme no mundo.

*...preocupou-se em fazer duas coisas que considerou essenciais: inscrever-se num curso de culinária tradicional, de forma a aprender a fazer cachupa, xerém com coco e outros pratos nacionais com todos os matadores, e explicar-se em treinar o pouco crioulo que tinha trazido de Angola. E é verdade que hoje em dia a sua cachupa goza de alguma fama e prestígio entre os amigos, e quanto ao crioulo já fala como qualquer de nós.* (DPCA, 1999:14)

Neste trecho a cozinha tradicional e o Crioulo cabo-verdiano representam duas formas de tradições culturais que têm como objectivo unir o povo, a primeira à mesa e a segunda como forma de comunicação, à volta de uma identidade colectiva que reafirma a posição da Nação.

*So, a sense of collective action is fundamental to the sustence of the nation; the nation is the political manifestation of all the people.* (McLeod 2000:88)

Outra personagem desta obra é Natal, que na minha opinião, personifica o oportunismo da classe política nativa. Durante a luta de libertação nacional *...foi condecorado com a cruz de guerra por feitos gloriosos em combate...(...)...mas aquilo tinha sido apenas para provarem ao mundo haverem heróis cabo-verdianos...*(DPCA, 1999:24). O culto dos heróis nacionais, como referi no capítulo anterior, tinha sido utilizado pela propaganda do Estado Novo para a criação de um *Portugal uno e indivisível*. Como vemos esta ideia surge agora aproveitada pelo partido para criar junto do povo um sentimento de orgulho nacional. Esta personagem apesar de se manter politicamente activa durante todo o processo de luta

pela independência de Cabo Verde e demonstrar que tem como aspiração pessoal a liberdade da Nação, ela na realidade mais não faz que usar o poder político para interesses pessoais de ascensão social e económica.

*Pareces estar a viver muito bem, não resisti a dizer-lhe e ele sorriu. Sim, respondeu, não me queixo, ganhei imenso com o 25 de Abril.* (DPCA, 1999:198)

Fanon e Cabral chamam a atenção para o surgimento desta classe nativa, que, após a independência da Nação, utilizará a sua posição política e consequentes privilégios não a favor da população, tal como acontecia com as forças do poder no sistema colonial, mas para seu próprio benefício.

*This class is “neo-colonial” in that it continues to exploit the people in a way not dissimilar to the colonialists.* (McLeod, 2000:89)

Compete ao escritor, segundo Ngugi, alertar a identidade colectiva para os perigos do neo-colonialismo (apud McLeod 2000:92). Assim, a construção de uma consciência nacional é importante para que esta se possa posicionar contra esta nova forma de colonialismo.

Numa associação metafórica, entre a mulher e a Nação, refiro três mulheres que me parecem podermos associar aos três estados políticos da Nação – Cabo Verde. A primeira, Dona Purificação, personifica a época colonial. A segunda, filha da Dona Purificação, a Susana, representa a época actual, o presente, a situação em que a Nação se encontra. A terceira, também filha da Dona Purificação, a Ana Rita, representa o futuro.

A Dona Purificação, abreviado para D. Pura, foi raptada quando tinha dezasseis anos *...por um poderoso da terra...(...)...por um administrador de conselho...*(DPCA,1999:31-34). Este homem, cabo-verdiano, não tem nome e personifica o agente do colonialismo (Cabral 1999:44), pois, tal como o colonizador português, esta personagem utiliza o seu poder político e económico para dominar /colonizar a D. Pura. Com ela tem cinco filhos, mas nunca a assumiu como mulher *...dizia a toda a gente que ela era sua criada...*(DPCA, 1999:36), uma personificação da sociedade colonial portuguesa que não via com bons olhos o casamento entre indivíduos de diferentes estratos sociais, outra reprodução desta sociedade é o perfilhar os filhos destas relações, mas apresenta-los como sobrinhos. D. Pura apesar de ter sido raptada e de viver neste estado de humilhação vai-se submeter durante vários anos ao domínio deste *...viúvo já bastante entrado em idade...*(DPCA, 1999:36). A Nação – Cabo Verde foi também ela dominada por uma estrutura velha (Europa), que durante anos nunca soube

respeitar o seu território como autónomo, é verdade que perfilhou e educou os seus filhos como portugueses, mas sempre os chamou de cabo-verdianos. A reviravolta dá-se, quando já em Lisboa D. Pura abandona este velho para ir viver com um italiano, o momento em que a Nação inicia o seu processo de luta pela libertação nacional. O velho, sem ela, morre. Mas, ela-Nação vive e tem duas filhas: Susana (presente) e Ana Rita (futuro).

A Susana *...filha de uma cabo-verdiana e de um italiano, nascida em Lisboa, educada portuguesa e casada com um português, não devia perder tempo com questões de identidade.* (DPCA 1999:170-171). Susana, na minha opinião, personifica a situação presente da Nação, uma Nação crioula à procura das suas tradições culturais para se unificar e afirmar como Nação. Como referi no primeiro capítulo Cabo Verde é um país de emigrantes, de filhos nascidos fora do território nacional, portanto a questão da construção de uma identidade individual é fundamental para a consolidação da identidade colectiva. Esta personagem...*através de livros e leituras sabia que herança siciliana tinha recebido do pai, mas que ainda não tinha conseguido definir ou clarificar o papel que Cabo Verde representava na sua vida* (DPCA 1999:170). Nesta procura interior pela sua identidade, Susana vai questionar as origens dos seus antepassados, lamenta o facto de não saber falar crioulo e refere que sobre a Sicília...*tinha-lhe bastado ler, mas de Cabo Verde não só estava farta de ouvir falar como também havia a cachupa, o feijão-pedra que a mãe fazia tão bem, o xerém com cabrito...Pena era não haver livros bastantes a explicar a terra e as gentes, sentia uma grande fome de conhecer as ilhas...*(DPCA 1999:170). Em Susana podemos também constatar o importante papel que a mãe/mulher tem em transmitir as tradições culturais aos seus filhos, pois através de livros Susana conhece a terra de seu pai, mas sente-se mais ligada à terra da mãe, Cabo Verde, não pela Língua que não fala, mas pelas histórias que ouviu (uma clara alusão à tradição oral da cultura africana), e pelos sabores da sua cozinha tradicional. Susana *...ia ser uma das beneficiárias da lei que acabava de ser publicada permitindo o divórcio civil dos casamentos religiosos* (DPCA 1999:169), livre do seu casamento com o português, ela casa-se com o narrador-personagem e parte com ele para viver num Cabo Verde independente:

*...entreguei-lhe uma enorme lista de artigos que considerava essenciais ela trazer. Ela leu até ao fim e depois rasgou o papel em pedacinhos pequeninos e atirou-os ao caixote do lixo. Antes de nós já há gente a viver em Cabo Verde, disse, vamos ter que aprender a viver como eles vivem, não podemos é tentar transferir Lisboa para lá porque assim nunca teremos paz.* (DPCA, 1999:64)

Neste excerto Susana transmite a necessidade de fazer uma escolha e apenas, uma, quando temos que optar por uma Nação. Tal como no trecho que apresentei no início deste capítulo, também este condena a duplicidade de uma nacionalidade.

A Ana Rita é filha de D. Pura e irmã de Susana, portanto era, também, descendente de uma mãe cabo-verdiana e de um pai italiano, nascida em Lisboa e educada como portuguesa. Licenciada em *engenharia electrotécnica, embora desde sempre tenha trabalhado em turismo* (DPCA, 1999:178). Esta personagem, penso que, personifica o futuro da Nação, independente, misteriosa, inacessível, imprevisível, privilegia a educação como base de verdadeira liberdade e a sabedoria como forma a se manter independente. Todas as informações que temos acerca da Ana Rita são-nos transmitidas através das outras personagens. Ela existe no presente, mas mantêm-se inacessível. Ana Rita é uma das paixões da personagem Natal, o oportunista do neo-colonialismo, apesar das tentativas e artimanhas que Natal utiliza para a conquistar, Ana Rita, servindo-se da sua inteligência e sabedoria, vai-se sempre manter fora do seu alcance. O jogador, Natal, é jogado por Ana Rita...*que acabara por se instalar em França* (DPCA, 1999:189). A Nação- Cabo Verde assegura o seu futuro na educação e sabedoria, para que se possa manter livre e independente e este futuro já não passa somente por Portugal.

A personagem Natal apaixona-se por uma mulher, quando esta, para além de lhe servir os seus interesses, se chama Ana. A Ana I é *...uma portuguesinha minhota e feiinha, um pedacinho de gente de nariz arrebitado e aparência frágil e tímida mas chata como o raio que a parta, que tinha aportado ao liceu da Praia como professora cooperante* (DPCA 1999:11). Esta é a única personagem portuguesa em toda a obra e Natal vai-se interessar por ela, porque como portuguesa que é...*significa não só a entrada na Europa como até em todo mundo...*(DPCA, 1999:12). Através desta personagem o narrador chama a atenção para a realidade de *...mais de 95% dos cabo-verdianos daria o cu e cinco tostões para ter a nacionalidade portuguesa e a coisa é tão flagrante que a grande maioria dos nossos governantes se afirma orgulhosamente português.* (DPCA, 1999:63). Uma realidade que ele condena, porque se Cabo Verde já existe como Nação independente, não compreende o porquê de uma tão grande percentagem de cabo-verdianos ainda insistir em se manter ligado a Portugal. Uma afirmação que deixa, com toda a certeza, qualquer cabo-verdiano a reflectir. A Ana I tinha em Lisboa do 25 de Abril participado activamente no processo revolucionário, mas agora, em Cabo Verde, parecia ter vergonha desses seus actos. É apresentada como sendo uma personagem pouco interessante em que o seu único dote é a cozinha portuguesa, tal como o português colonizador, Ana I nunca se mostra interessada em se integrar ou aprender

qualquer tradição cabo-verdiana..*felizmente para todos nós que acabaram por se separar...*(DPCA, 1999:13).

Gostaria de referir mais uma outra personagem feminina, a Ana II, porque, na minha opinião, personifica a emancipação da mulher na Nação independente. A Ana II..*esta sim, uma moça e pêras, mistura de cabo-verdiano e angolano, de excelente feitio e muito amiga de festas...*(DPCA, 1999:15). Depois de Natal se divorciar da Ana I, este pede formalmente em casamento a Ana II que lhe impõe uma condição..*a cerimónia realizar-se no dia onze de Novembro...Porque é o dia da independência de Angola...quero prestar homenagem à minha terra, mas também é uma forma de não nos esquecermos dos dois acontecimentos.* (DPCA, 1999:139). Esta data, o dia da independência, escolhida como o dia para celebrar o seu casamento apresenta, na minha opinião, uma forma diferente de encarar o casamento, como sendo este, também, um acto de liberdade. Uma atitude contrária à visão tradicional do casamento que vê neste acto uma forma vitalícia de submissão, sobretudo, da mulher ao marido e que dava ao homem uma forma de poder vitalício..*depois do casamento foi um desespero porque ele já exigia o roteiro completo, não apenas dos lugares e das pessoas com quem tinha estado como inclusivamente das conversas, com pormenores e tudo. E acabou finalmente exigindo-lhe que estivesse em casa o mais tardar meia hora depois da saída do serviço, não podia admitir que a sua esposa entrasse a altas horas da noite como se fosse uma vagabunda..., mas quando certa vez ele gritou com ela por não ter chegado a tempo de lhe preparar o jantar, ela limitou-se a arrumar as suas coisas e a ir morar numa residencial até arranjar casa própria* (DPCA, 1999:107). A mulher em Ana II conquista, tal como a Nação, a sua independência e liberdade contra o colonizador do marido.

*...the phrase “a double colonisation” to refer to the ways in which women have simultaneously experienced the oppression of colonialism and patriarchy.* (Petersen e Rutherford, apud McLeod, 2000:175)

Ana II é uma mulher independente e auto-suficiente..*Nunca na sua vida precisara de marido para a sustentar e muito menos agora, que tinha começado a trabalhar como secretária de uma organização internacional, ganhando, portanto, muito bem.* (DPCA, 1999:106). Com Ana II, Nação-mulher, liberta-se do colonizador homem e conquista a sua identidade pessoal própria. Só através de uma mulher livre, se poderá procriar cidadãos livres.

Termino a análise das personagens com a personagem do Sr. Firmino. O único homem com quem D. Pura casou, ele representa, na minha opinião, o parasita social. O Sr. Firmino..*chegara a Lisboa, ele menino de São Vicente, em Outubro de 45...Chegava com o*

*sétimo ano feito, coisa que não era de qualquer um naquele tempo, e com muito boas qualificações...não fora nada fácil, mas mesmo nada fácil conseguir um emprego...*(DPCA, 1999:74). Homem educado, cabo-verdiano e salazarista...*não viam que era pura loucura tentar derrubar um regime como aquele que o grande Oliveira Salazar tinha instituído em todo o Portugal e províncias ultramarinas?...Salazar tinha tomado conta da coisa, primeiro como ministro das Finanças e depois como chefe do Governo, e em poucos meses tinha resolvido tudo, grande cabeça ele era...aquela ideia de acabar com as greves tinha sido de mestre...se não fossem as teimosias de gente como Amílcar Cabral e Agostinho Neto e outros, Portugal seria ainda um país pacífico...não passavam afinal das contas de uns ingratos, porque até estudar tinham estudado à custa de Portugal, com bolsa criada por Salazar...* (DPCA, 1999:67). Esta personagem está claramente ligada à classe colonial portuguesa, e opõe-se abertamente à independência da Nação unicamente para defender a sua segurança *...não queria passar pela vergonha de ser preso...* (DPCA, 1999:134). O Sr. Firmino acaba por fugir para Cabo Verde com medo de ser denunciado como informador da PIDE *...só passados quinze anos sobre o 25 de Abril tomaria coragem para se deslocar a Portugal....Quinze dias depois estava de regresso, credo, que não sabia que viver aqui é tão bom, devera devera sabura é li na nôs terra<sup>9</sup>, Cabo Verde* (DPCA, 1999:194). Após a independência de Cabo Verde esta personagem acaba por se identificar com a sua própria Nação. O colonizado que só após a independência toma consciência da sua identidade individual e colectiva.

Outra forma de consolidar a identidade colectiva à volta do nacionalismo é através da imprensa escrita,

*...the act of reading a newspaper helps generate a sense of national community for the reader.*

(Anderson, apud McLeod 2000:73)

Uma realidade que é assinalada pelo narrador *...Com efeito, foi só a seguir a essa data que finalmente se decide entrar numa contestação aberta ao “Arquipélago” por causa da sua natureza de comprometido com o fascismo...o jornal é acusado de ser uma “autêntica nódoa na história do jornalismo e da cultura em Cabo Verde”, e acaba por ser extinto em 20 de Junho seguinte, aparecendo o Alerta! em seu lugar* (DPCA, 1999:57). A imprensa escrita tem um papel relevante na construção dos valores nacionalistas, porque interliga cada identidade

---

<sup>9</sup> *devera devera sabura é li na nôs terra*: na verdade estar-se bem é aqui na nossa terra. In: *Glossário*, DPCA, 1999:225.

individual a uma Identidade Nacional quer seja no tempo presente, num passado histórico (...*Mas aí os da rádio, que infelizmente sabiam História...*(DPCA, 1999:221)), ou num futuro imaginado (Sapega<sup>10</sup>, apud Medeiros, 1996:24). Os meios de comunicação, como o jornal e a rádio ...*com um sobressalto feliz, de que nunca poderia estar a acontecer um golpe da direita...A direita não toca Grândola, Vila Morena, gritei...Zeca Afonso está no ar...* (DPCA, 1999:70), são formas utilizadas pelo poder político para unir uma Nação à volta de sentimentos nacionalistas.

Como tive oportunidade de referir no capítulo anterior o P.A.I.G.C. contemplava dois Estados: Guiné e Cabo Verde. O seu líder, Amílcar Cabral, criou uma estratégia com o objectivo de atingir a libertação nacional destas duas colónias portuguesas. A ligação entre estes dois países remota, como descrevi no primeiro capítulo, desde o povoamento das ilhas de Cabo Verde por africanos na sua maioria oriundos da Guiné. Apesar desta realidade político-histórica a questão da unidade entre estas duas Nações é questionada pelo narrador ...*A assembleia estaria ainda lembrada do guineense de ainda há bocado que se tinha permitido pedir informações sobre a unidade Guiné-Cabo Verde, que felizmente todos viram logo que não era senão uma maneira muito subtil de pôr em causa essa mesma unidade?* (DPCA, 1999:124). Como vimos, no segundo capítulo, Cabo Verde tem ...*a specific culture, which is a unique blend of African and European customs.* (Andrade, 2002:264), a interligação destes dois continentes vai ter no cabo-verdiano a sua plena manifestação (crioulização, como vimos), e é esta diferença, o elemento europeu no cabo-verdiano, que o distingue do guineense e o afasta da Nação-Guiné. O narrador servindo-se de Natal insiste na autodeterminação da Nação-Cabo Verde em relação à Guiné ...*embora à socapa tivesse aconselhado os amigos e familiares a votar no PAICV, sem dúvida o partido que dava mais garantias* (DPCA, 1999:62). Como temos visto o narrador condena a dupla nacionalidade, excerto no início deste capítulo, e questiona, no período da luta pela independência nacional, a unidade entre estas duas Nações. Diz mesmo não compreender quem não põe...*todos os ovos no mesmo saco...*(DPCA, 1999:63), e apresenta, ainda, ...*a globalização, a internacionalização de capitais e de indivíduos...*(DPCA, 1999:63) como um perigo para os ideais nacionalistas, aquilo que liga o cidadão à Nação.

Comecei este capítulo por referir a importância da Literatura e do escritor na construção dos valores nacionalistas. Atribuí ao escritor a responsabilidade de alertar,

---

<sup>10</sup> Sapega, Ellen W. *Aspectos do Romance Pós-Revolucionário Português: o Papel da Memória na Construção de um Novo Sujeito Nacional*. Luso-Brazilian Review 32.1, pp.31-40.

condenar e consciencializar a Nação para o surgimento do neo-colonialismo. Referi as circunstâncias do nascimento desta obra, o tempo e locais em que a acção se desenvolve. Descrevi as personagens que achei relevantes para a formação de uma nova identidade nacional e, numa perspectiva muito pessoal, atribuí a cada personagem um papel nessa construção: o narrador como o elo de ligação entre personagens, tempos e acção; Natal como personificação da classe nativa oportunista e neo-colonial; Sr. Firmino como representante da classe nativa a favor do colonialismo e contra a independência da Nação; D. Pura como personificação do passado colonial; Susana como espelho da Nação no presente; Ana Rita numa alusão ao futuro da Nação; Ana I, portuguesa, que nada faz para se integrar na cultura cabo-verdiana e, por fim, Ana II que personifica a emancipação da mulher no Cabo Verde independente. Chamei ainda a atenção para a importância dos meios de comunicação: jornais e rádio na construção do presente, passado e futuro de uma Nação. Terminei por referir a preocupação constante do narrador nesta obra; a duplicidade, seja ela na nacionalidade ou nos Estado-Nações e o perigo da globalização para os valores nacionalistas. Segundo, ainda o narrador, é necessário proteger a História e Cultura para um Cabo Verde independente.

#### **IV. Nacionalismo em *O Testamento do Sr. Napumoceno da Silva Araújo***

*...especialmente pelo facto de ninguém já saber quem é quem na balbúrdia do processo político. Com efeito, ele Napumoceno estava assistindo à debandada de convictos e influentes membros da União Nacional para as forças do PAIGC e ficava especialmente confuso ao ver homens que gritavam ontem que Portugal é um todo do Minho a Timor gritarem hoje com mais força ainda que a independência é um direito dos povos, não ao referendo, não à federação, não a outros partidos, só PAIGC é força, luz e guia do nosso povo.*

(TSNSA, 1991:44)

O narrador desta obra revela ter um conhecimento absoluto, quer dos acontecimentos, quer das motivações das personagens. Com uma focalização omnisciente, ele é capaz de penetrar no íntimo das personagens, revelando os seus pensamentos e as suas emoções...*uma luzinha acendeu-se no seu cérebro e depois mais luzinhas começaram brilhando na sua cabeça...*(TSNSA, 1991:127). Todavia, o narrador ora se identifica com a personagem principal (autodiegético), *...dá-me uma fotografia tua para eu te ver quando não te vejo!* (TSNSA, 1991:98), ora com uma personagem secundária (homodiegético), *...parecia um maluco fugido do manicómio...enquanto eu me matava na diversificação das importações...* (TSNSA, 1991:47), ora, ainda, se mostra totalmente alheio aos acontecimentos que narra

(heterodiegético), ...*Então ele explicou-me que o meu nome estava no seu testamento como herdeira.* (TSNSA, 1991:162). Este complexo narrador, que ora participante, ora não participante, uma vez narrando os acontecimentos na primeira pessoa outras vezes na terceira pessoa, tem um papel fundamental na interligação dos factos da vida da personagem principal desta obra - o Sr. Napumoceno da Silva Araújo. Esta personagem deixa em testamento a sua biografia, que, na minha opinião, mais não é do que a História da Nação.

*Mas ele não pode existir sozinho, ele só não é nada, uma realidade nunca está isolada de outras realidades. Qualquer que seja a realidade que considerarmos no mundo ou na vida, por mais pequena ou por maior que seja, ela faz sempre parte de outra realidade, está integrada noutra realidade, está influenciada por outras realidades...* (Cabral, 1999:31)

O Sr. Napumoceno não é uma personagem, mas duas. A primeira, representa um Napumoceno como sendo um conceituado comerciante do Mindelo, honesto e respeitador. A segunda, o que revela em testamento, Napumoceno é um homem que enriqueceu com falcatuas e sortes do destino, usou do seu poder económico e social para se servir das mulheres e revelou ser um homem de falsos valores sociais, interesseiro e hipócrita. Todavia, à medida que se vai revelando no testamento, Napumoceno liberta-se das fronteiras que delimitaram toda a sua vida.

Através deste testamento, lacrado no dia 30-11-1974 e aberto dez anos depois, a História da Nação é interligada nos três importantes momentos políticos: o passado colonial, o presente conturbado da luta pela libertação nacional, como exemplifiquei pelo trecho transcrito no início deste capítulo, e o futuro, sempre imprevisível, da Nação. Assim, a personagem nasce em 1898, mas a narração da sua vida só começa, quando ainda rapazote, chega à cidade do Mindelo, e termina com a sua morte em 1984. Os primeiros anos da sua vida são resumidos como sendo um passado pobre vivido na ilha de S.Nicolau, e a verdadeira narração da sua história pessoal e do país começa com a sua chegada ao Mindelo. Esta cidade apesar de não ser a capital do país (cidade da Praia), é considerada, talvez pelo seu porto marítimo, a mais cosmopolita de Cabo Verde. Todavia, a ilha de S. Vicente onde a cidade do Mindelo geograficamente se localiza merece uma especial atenção e uma longa reflexão por parte do Sr. Napumoceno,

*...S. Vicente...amável mas superficial...como se as pessoas estivessem apostadas em não se deixarem marcar ou prender...S. Vicente é uma ilha de povoamento recente, feito com recurso aos naturais das outras ilhas que a seca, a falta de trabalho e outras misérias forçaram à migração. Ora essas criaturas abandonam ilhas de fortes tradições próprias e já com enraizadas formas de estar no mundo, para de repente se lançarem num espaço não só agreste como também relativamente hostil e*

*onde, para sobreviver, são obrigadas a miscigenar diferentes culturas regionais com o consequente prejuízo de nenhuma delas ser suficientemente maioritária para se impor. É esta circunstância, mais a ausência de uma ancestral ligação a esta terra, que faz do homem de S. Vicente um ser leviano e fluido, sem a salutar verticalidade e firmeza do natural de Santo Antão ou Santiago onde os valores sociais e regionais se mantiveram intangíveis...E a consequência de tudo isto é a verdade de o homem de S. Vicente ser o mais inautêntico de Cabo Verde.* (TSNSA, 1991:140-141)

Esta descrição da ilha é, na minha opinião, a descrição do carácter desta personagem. É nesta ilha, na cidade do Mindelo, que os acontecimentos mais importantes da acção são narrados.

Nesta descrição a personagem foca a sua preocupação para o facto da ilha, em relação às outras ilhas do arquipélago, não ter fortes laços culturais. Ora isto é importante, para que uma Nação se afirme.

*A nossa luta é baseada na nossa cultura, porque a cultura é fruto da história e ela é uma força.* (Cabral, 1999:47)

Denuncia, ainda, as influências de outras culturas como por exemplo a inglesa, poderosa, rígida e dominadora, na formação *...daquilo que poderia vir a ser uma sui generis cultura regional* (TSNSA, 1991:141).

O Sr. Napumoceno da Silva Araújo personifica, na minha opinião, a burguesia ou pseudo-burguesia nativa, enfeudada à classe colonial dirigente do país (Cabral, 1999:86). Esta pequena burguesia nativa limita-se a ser intermediários do ciclo das mercadorias (compradores), actividade que lhes permite uma ascensão económica e social. Todavia, esta burguesia, não pode representar uma burguesia nacional, pois, segundo Cabral, esta classe mais não é do que meros agentes de uma nova forma de colonialismo. Esta ilusão é reforçada pela existência dum poder político (Estado nacional), integrado por elementos nativos (Cabral, 1999:86).

*...Sr. Napumoceno deveria aceitar emprestar o seu nome a um partido que congregasse as forças vivas da terra, a força dos comerciantes da cidade...* (TSNSA, 1991:44-45)

O enriquecimento rápido do Sr. Napumoceno é, também, na minha opinião, uma alusão crítica à forma como a burguesia colonial portuguesa enriquecia. As razões do enriquecimento não têm como base o trabalho ou na sabedoria de aplicar correctamente os capitais, mas sim em *falcatruas*, erros logísticos, *....Não admitiu ter escrito um zero a mais no pedido...*, e a, consequente, salvação dos negócios não por uma esperteza comercial, mas

através de uma ajuda divina...*Porque o navio fundeou de manhã e perto do meio-dia começou a chover.* (TSNSA, 1991:55-57).

O Sr. Napumoceno tem à sua responsabilidade a educação de um seu sobrinho, Carlos Araújo, ...*ficara órfão de pai e viera de S. Nicolau para viver com o tio em S. Vicente* (TSNSA, 1991:53). Carlos depois de ter demonstrado não ter *cabeça para letras* vai trabalhar como moço de recados da firma Carvalho, Lda e demonstra ter qualidades de um *inexcedível faro comercial*, de tal forma que o Sr. Napumoceno *achou justo fazer Carlos participar do florescer da firma que no fundo mais não era que um resumo dos antepassados Araújo* (TSNSA, 1991:32-35). Já a trabalhar com o tio, Carlos revela-se muito dinâmico e com uma visão comercial nova e produtiva, contudo o seu entusiasmo e profissionalismo nunca são verdadeiramente apreciados pelo Sr. Napumoceno ...*viria a interpretar o sorriso de Carlos como sendo de moça, de troça...*(TSNSA, 1991:50). Uma luta entre a representação colonial (Sr. Napumoceno) contra a resistência nacionalista (Carlos).

*Several nationalist texts featured plots which involved the conflicts of fathers and son, through which is figured the patriarchal authority of the coloniser and resistences to it.* (McLeod, 2000:92)

A vida do Sr. Napumoceno, ou melhor, como vimos no início deste capítulo, a História da Nação é, na minha opinião, personificada por três diferentes mulheres que revelam as três diferentes épocas da evolução histórica de Cabo Verde. A primeira é a D. Maria Francisca que representa a época colonial; a segunda, filha de D. Maria Francisca e do Sr. Napumoceno, a Maria da Graça, que representa o presente actual da Nação, a procura constante das raízes da sua existência para se poder assumir em toda a sua plenitude; por fim, Adélia, o futuro que já existe no presente, mas que se mantém inacessível, indominável e indecifrável.

D. Maria Francisca, abreviado para D. Chica, é a mulher de limpeza do Sr. Napumoceno. Este usando do seu poder económico e posição social vai servir-se de D. Chica, ao ponto de lhe fazer uma filha. Contudo, ...*não se tratara de um amor impossível senão pelo facto de a mãe ser uma simples mulher de limpeza* (TSNSA, 1991:72), uma reprodução das normas sociais e culturais impostas pelo país colonizador que esta classe, como agente do colonialismo, cumpre. Se D. Chica, numa associação metafórica, representa a Nação, o seu corpo o território nacional, então D. Chica, juntamente, com a Nação, são dominadas/colonizadas pelo poder dominante..., *mas ele aproximou-se dela e disse qualquer*

*coisa parecida com desculpa-me e agarrou-a e dobrou-a sobre a secretária, ela lutou, disse larga-me senão eu grito!* (TSNSA, 1991:74)

*...representations of the nation as a mother threatened by foreign aggression often appear specifically in terms of sexual violation...* (McLeod, 2000:115)

Todavia, D. Chica não tem consciência deste abuso, aceita submissamente a situação e revela mesmo que gostava dele *...gostei dele porque era um homem fino e atencioso e amável. Acho que nenhum de nós esperava que as coisas acontecessem como aconteceram, mas a verdade é que aconteceram porque eu queria. Mas nem antes nem depois ele teve outras mulheres...Graça não se atreveu a desmentir a mãe, para quê desfazer aquela ilusão.* (TSNSA, 1991:151). D. Chica assume sozinha a filha *...porque era uma paternidade não só indesejada como impossível de ser publicamente assumida...*, contudo o Sr. Napumoceno vai-lhe mensalmente enviar um cheque para a educação da Maria da Graça. Já no final da acção, depois da morte do S. Napumoceno, D. Chica *...recusara-se obstinadamente a mudar para o Alto Mira-Mar e nenhuma argumentação da filha foi suficiente para a convencer* (TSNSA, 1991:150). Assim, mesmo após a morte do Sr. Napumoceno (o poder), D. Chica (Nação) não consegue superar as fronteiras sociais determinadas pelo poder colonial vigente que condena a aproximação entre indivíduos de diferentes estratos sociais. Compete, agora, à nova geração, Maria da Graça, ultrapassar estas fronteiras.

Maria da Graça *...nunca tinha pensado que um pai mesmo pai fosse necessário para a vida dos filhos, tanto mais que o que há mais nesta terra é filhos sem pai* (TSNSA, 1991:71). Uma crítica ao conceito do luso-tropicalismo defendido pelo Estado Novo. Aqui a miscigenação existe como também existe o racismo que condena a perfilhação dos filhos nascidos de mulheres de condição inferior. Maria da Graça, na época colonial, e Maria da Graça Araújo no presente independente da Nação. Esta personagem, no presente, faz a ligação entre o passado colonial da Nação (D. Chica) e, tenta, uma ligação com o futuro (Adélia), *...Mas nem o Sr. Fonseca nas ruas, nem Graça nos papéis jamais encontraram o rasto da Adélia* (TSNSA, 1991:147). É, também, a ela que o Sr. Napumoceno entrega em documentos a história da sua vida, a História da Nação *...Mas como decidira que deveria ler pelo menos duas horas em cada dia...Maria da Graça foi aos poucos reconstituindo a vida do pai...* (TSNSA, 1991:144). Com Maria da Graça a Nação procura as raízes da sua existência, preocupa-se em juntar todos os factos para poder compreender as suas origens e elaborar a História da sua existência.

Adélia ...fora no entanto objecto de cinco cadernos escolares de 24 páginas cada e mesmo assim ainda outros escritos avulsos foram-lhe dedicados (TSNSA, 1991:85), mas apesar da pequenez da ilha e de toda a gente se conhecer, a procura de Adélia, após a morte do Sr. Napumoceno, mostrou-se infrutuosa. Ninguém nunca viu nem falou com Adélia, apenas o Sr. Napumoceno a conheceu, como descreve o narrador ...Durante cerca de 18 meses o Sr. Napumoceno deixou-se lentamente consumir numa paixão dementada que viria a envenenar-lhe a existência porque quando finalmente a deu por finda continuou vivendo no sonho da Adélia...Sr. Napumoceno não via na Adélia uma mulher...(...)... Sr. Napumoceno pensava já ter ele morrido (companheiro de Adélia) na vida dela e por isso já se sentia dono e senhor daquele corpo, proprietário daquela carne...sentia-se um proprietário desapossado, defraudado..., fica aqui a morar comigo!, mas ela abanou a cabeça, não, não posso! (TSNSA, 1991:97-104). As descrições sobre esta personagem enchem páginas e páginas e deixam o leitor perdido entre a realidade da acção e a diversidade de possibilidades que esta personagem personifica para o futuro da Nação. Adélia começa por ser comparada a uma gazela brava, animal elegante que vive livre nos campos selvagens, o Sr. Napumoceno no início nutre por ela um amor platónico, Adélia é para ele uma mulher pura, inocente e intocável. Depois passa ao amor físico e o Sr. Napumoceno acredita que o seu corpo passou a ser propriedade sua, mas ela deixa-o e quando volta ...vim para ficar contigo, se ainda me queres (TSNSA, 1991:110), ele não a aceita e quer mesmo ...livrar-se dela para continuar no sonho da sua gazela (TSNSA, 1991:111), nesta última fase Adélia volta para a sua fase inicial, o círculo fecha-se, ela está novamente no campo platónico, inacessível e inatingível. É uma Nação livre, uma gazela que corre pelos campos, foi dominada mas agora só lhe resta voltar às suas origens, às suas raízes, a um futuro de Nação livre. Esta visão de plena liberdade é inacessível para as outras personagens, só o Sr. Napumoceno consegue ver o futuro da Nação...parece que sonhei mas continuou naquela sonolência... (TSNSA, 1991:167), Adélia!

D. Jóia representa, na minha opinião, a mulher emancipada. D. Jóia ...já entrava nos 40 mas conservando uma juvenil frescura...residente na América do Norte...D. Jóia, para não molhar os sapatos, pulou para o Sr. Napumoceno passando-lhe os dois braços pelo pescoço. (TSNSA, 1991:62). Mulher madura, a viver fora de Cabo Verde transmite a imagem de uma mulher cosmopolita, é ela que toma a iniciativa de se aproximar do Sr. Napumoceno ...logo se apressou a levantar-se para fechar a porta quando o toque se repetiu. Abriu-a...e deparou-se-lhe uma figura de branco em que reconheceu a D. Jóia. (TSNSA, 1991:120). D. Jóia, ao contrário da mulher tradicional, chama a ela o poder de possuir o Sr. Napumoceno. Com D.

Jóia os papéis homem/ mulher, mulher/ homem são igualizados. O Sr. Napumoceno apenas se *...atreveu a dizer-lhe, mas lá pelo meio da noite dançando uma morna, que tinha valido a pena conhecer Boa Vista* (TSNSA, 1991:62-63). Apesar de se mostrar interessada pelo Sr. Napumoceno, nada faz para construir uma relação com ele. Quando as férias na Boa Vista terminam, parte para as Américas.

O único colono descrito no arquipélago não era de origem portuguesa. O Sr. David Ben Oliel era, segundo este pequeno excerto, de origem marroquina, mas o nome sugere origem inglesa ou francesa,

*...Other Jewish settlers such as the Ben Oliel family migrated to Boa Vista, trading in salt, hides, and slaves. Jewish-derived surnames can be found amongst the inhabitants of the islands. Such names can include Aday, Benros, Ben David, Cohn, DaGama, and Seruya. A final chapter of Jewish history in Cape Verde took place in the 1850's when Moroccan Jews arrived, especially in Boa Vista and Maio for the hide trade.<sup>11</sup>David Ben Oliel, businessman, married to Beatriz Carvalho Ben Oliel, born November 24th 1872 lived in Boa Vista, Cabo Verde. He died in October 15th 1950 and is buried in Boa Vista in the small Jewish Cemetery.*

Independentemente da sua origem, esta personagem é retirada da realidade Histórica Colonial e transportada para a ficção da obra. Tal como a personagem bíblica, o Sr. David *...era tratado como se fosse um rei*. (TSNSA, 1991:61). O Sr. Napumoceno enaltece a sua classe, património e riqueza. Deslocou-se à Boa Vista para negociar com o Sr. David a compra da cal, necessária à recuperação das casas destruídas pela chuvada que fez dele, Sr. Napumoceno, um homem abastado. A denúncia da hipocrisia desta burguesia que parecendo filantrópica, mais não faz que proteger os seus interesses económicos.

Apesar dos vários anos de colonização portuguesa, a influência de Portugal-Lisboa na cultura cabo-verdiana passa somente pela celebração de festas como o S. João, festa do Corpo de Deus, Natal e Ano Novo. As referências a Lisboa passam pela cura da tuberculose de Carlos; a reparação do automóvel da Agência Funerária; o jogo de futebol com o Sporting Clube de Portugal, e no período das grandes chuvadas, apesar do pedido de ajuda enviado para Lisboa, não obtiveram qualquer resposta. Foram os nativos que tiveram que apresentar soluções, uma crítica à incapacidade do poder colonial de responder às necessidades das colónias. Perante a indiferença de Lisboa, o narrador apresenta a dinâmica do desenvolvimento tecnológico dos Estados Unidos da América (EUA). O Sr. Napumoceno traz para Cabo Verde uma série de instrumentos que diz serem úteis para o desenvolvimento da Nação, mas Carlos, defensor do nacionalismo, responde: *...aqui é Cabo Verde, muito longe da*

---

<sup>11</sup> Fonte: [http://en.wikipedia.org/wiki/Jews\\_of\\_the\\_Bilad\\_el-Sudan\\_\(West\\_Africa\)](http://en.wikipedia.org/wiki/Jews_of_the_Bilad_el-Sudan_(West_Africa))

*América, aqui nós é que mandamos no tempo* (TSNSA, 1991:123). A ligação de Cabo Verde com os EUA, como tive oportunidade de referir no primeiro capítulo, remota ao longo período em que vigorou a escravatura e mais tarde com a emigração dos cabo-verdianos como força de trabalho nos baleeiros norte-americanos. Os EUA concentram, até aos dias de hoje, uma das maiores comunidades de cabo-verdianos a viver na diáspora,

*...Robin Cohen tentatively describes diasporas as communities of people living together in one country who ‘acknowledge that “the old country” – a notion often buried deep in language, religion, custom or folklore – always has some claim on their loyalty and emotions. The emphasis on collectivity and community here is very important, as is the sense of living in one country but looking across time and space to another.* (McLeod, 2000:207)

Neste romance os EUA, mais que Portugal, surgem como uma importante referência para o imaginário nacional. O repetido slogan de *Portugal d'Aquém e d'Além Mar* é aproveitado para descrever a personagem principal não quanto à sua ligação com Portugal, mas sim quanto à importância dos EUA no desenrolar dos acontecimentos da sua vida *...sem dúvida houvera dois Napumocenos: um d'aquém América e outro d'além América.* (TSNSA, 1991:81). O primeiro era um homem calmo e pacato e o segundo um *homem nervoso, apressado, concludente e falador.* (TSNSA, 1991:81). O primeiro, Napumoceno *d'aquém América*, tinha como ídolo, não um herói nacional português, mas uma importante referência na História dos Estados Unidos - Abraham Lincoln,

*...16th president of the United States (1861-65), who preserved the Union during the American Civil War and brought about the emancipation of the slaves. (...)...Of humble origins, Lincoln was a self-educated lawyer...* (Encyclopedia Britannica, Vol. 7., 1993:369)

Tal como Lincoln, Napumoceno tinha, também, origens humildes e era um “self-made man” *...Eu sempre pensei que os homens fazem-se a si próprios e Araújo provou que eu tinha razão.* (TSNSA, 1991:37). O segundo, Napumoceno *d'além América*, é uma consequência dos 45 dias que passou de férias nos EUA, primeiro fascinado *...um país sempre preocupado em inventar coisinhas destinadas a facilitar a vida das pessoas preocupadas em poupar o seu tempo com vista a melhor aplicá-lo no trabalho.* (TSNSA, 1991:46), depois, *...veio a reconhecer mais tarde que na verdade deixara-se cegar pela febre técnica naqueles primeiros meses seguintes ao seu regresso da América.* (TSNSA, 1991:47). Em termos políticos, o

Napumoceno *d'aquém América*, opta por desistir da carreira política, *...confuso ao ver os homens que gritavam ontem que Portugal é um todo do Minho a Timor gritarem hoje com mais força ainda que a independência é um direito dos povos...*(TSNSA, 1991:44). Durante o período de luta pela libertação nacional refugia-se na neutralidade, porque receia ser chamado de *catchor de dôs pé*<sup>12</sup>(TSNSA, 1991:44). O Sr. Napumoceno é contra a independência da Nação, *...porque, diziam, PAIGC significava o comunismo na nossa terra, a propriedade desrespeitada, ninguém já senhor quer dos seus bens quer dos seus filhos e mulher* (TSNSA, 1991:44). Para esta personagem, bens, filhos e mulher é tudo pertença de um homem. A referência translúcida da sociedade patriarcal que vigorou durante toda a época colonial. Contudo, depois da sua visita aos EUA, defende que o poder local deve servir o povo e não representar o poder do Estado *...presidente da Câmara não podia ser outra coisa que um delegado da plebe, um defensor "civitatis"; nunca mais um representante do poder do Estado.* (TSNSA, 1991:145). Enaltece a organização política dos Estados Unidos *...especialmente sobre o poder municipal na América, país maravilhoso onde nada é eterno, o que não serve é logo substituído por outra coisa mais válida. Entusiasmava-se particularmente com a circunstância de em muitas organizações municipais o presidente ser um simples gestor, escolhido e pago para fazer render os bens da colectividade..., se não dá conta do recado é despedido e substituído por outro mais competente...* (TSNSA, 1991:146). Esta crítica política demonstra não só uma evolução no pensamento do Sr. Napumoceno, mas sobretudo a sua capacidade de tomar uma posição quanto à *...balbúrdia do processo político...* (TSNSA, 1991:44) da época. Antes da sua viagem aos Estados Unidos afirma que tem dificuldade em tomar uma posição política *...nenhum homem tem o direito de se declarar neutro, sentiu dessa vez que tinha dificuldade em tomar posição...* (TSNSA, 1991:44), depois da viagem, como vimos, afirma *...nunca mais um representante do poder do Estado.* (TSNSA, 1991:145). Assim, a visita aos EUA trouxe-lhe também a informação que lhe faltava *...especialmente pela ausência de uma completa informação sobre quanto se passava.* (TSNSA, 1991:44) para que pudesse tomar uma posição quanto à situação política de Cabo Verde, portanto, a visita deu sentido à luta pela libertação nacional. Em todas as páginas que Napumoceno se refere aos EUA, só com D. Jóia este país parece ter desvantagens *...uma pena que a distante América teime em roubar-nos excelentes esposas e futuras mães.* (TSNSA, 1991:63). Os EUA, mais que Portugal, tem uma grande influência na vida do Sr. Napumoceno, portanto, na História da Nação.

---

<sup>12</sup> *Catchor de dôs pé*: insulto aos que não queriam a independência. In: Glossário. DPCA, 1999:225.

A última vontade do Sr. Napumoceno consistiu em ...*ser acompanhado à sua última morada sob os solenes e vibrantes acordes da marcha fúnebre do grande Beethoven* (TSNSA, 1991:14), não quis seguir a tradição do Mindelo ...*Nos enterros estamos habituados a tocar djosa quem mando'b morrê. E essa tal de fúnebre nunca ouvi falar. Aliás é um disparate. Se toda a gente vai com djosa e nunca houve reclamações, porquê que o Sr. Napumoceno vem agora chatear a gente com essa outra coisa?*(TSNSA, 1991:15). O Sr. Napumoceno, representante da burguesia assimilada, mantém-se fechado às tradições culturais de Cabo Verde e aberto a tudo o que vem de fora, a tudo que não seja nacional. O Sr. Napumoceno é, por isso, na minha opinião, a personificação do colonialismo português, no entanto durante a redacção do ...*seu livro de memórias* (TSNSA, 1991:7) ele repõe a verdade aos factos da sua vida (por exemplo: perfilhação da filha), decisão que acaba por liga-lo à identidade nacional cabo-verdiana e o afastam dos valores impostos pela potência colonial. Termina a sua vida chamando por - *Adélia!*, o futuro livre da Nação.

Neste capítulo comecei por descrever o complexo estatuto do narrador, o seu papel e a sua importância na interligação dos factos. Localizei no tempo e no espaço *O Testamento do Sr. Napumoceno da Silva Araújo*. Referi a importância da narração da vida do Sr. Napumoceno como sendo, também, a narração da História de Cabo Verde, porque, como diz Cabral, uma realidade não existe independente das outras. Nomeei as personagens que achei relevantes para a construção de uma nova identidade nacional e a relação, específica, da mulher com a Nação. Apresentei o Sr. Napumoceno como sendo a personificação da burguesia assimilada e protector dos valores colonialistas, oposto ao seu sobrinho, Carlos, que defende Cabo Verde em detrimento de outros países. Como força colonial presente referi o Sr. David Ben Oriel. Apresentei três mulheres que entendo caracterizarem os três estados políticos de Cabo Verde: a época colonial, personificada por D. Chica; a época da luta pela libertação nacional, o presente da acção, simbolizado por Maria da Graça Araújo, perfilhada, procura as raízes da Nação e, por último, Adélia, como um futuro imprevisível e inatingível. Tracei a importância de Lisboa, capital do Império, e dos EUA na influência que exercem, a primeira menos a segunda mais, na cultura cabo-verdiana. Terminei, referindo a abertura do Sr. Napumoceno a tudo aquilo que vem de fora, e a rejeição por ele de tudo aquilo que é nacional.

Neste romance a construção de uma identidade nacional não passa por fazer referências às tradições culturais cabo-verdianas ou à exaltação de outros valores nacionalistas, mas trata-se de um manual para consciencializar a identidade colectiva quanto à

hipocrisia, aos jogos de interesse e os falsos valores que regem a classe política e económica no poder. Através de um testamento um homem, com os mais altos valores morais, deixa a sua biografia onde revela a sua verdadeira identidade. Este romance, em linguagem humorística, deixa em forma de moral da história que não devem ser os nomes, como por exemplo Ramires ou Araújo, a ditarem o homem, mas o carácter do próprio homem em si.

## **Conclusão**

*...o que está na moda agora é a globalização, a internacionalização de capitais e de indivíduos, o mundo é uma pátria colectiva...está a tratar da integração dinâmica de Cabo Verde na economia mundial globalizada, compreendes que dentro desse contexto ideias como nacionalidade, pertença a alguma coisa particular e outras coisas do género perdem sentido.*

(DPCA, 1999:63)

O objectivo deste trabalho foi analisar em dois romances de Germano Almeida: *Dona Pura e os Camaradas de Abril* e *O Testamento do Sr. Napumoceno da Silva Araújo* a importância da exaltação dos valores nacionalistas na construção da Nação - Cabo Verde. Para desenvolver este objectivo comecei por enquadrar no contexto político-histórico a problemática do nacionalismo. Referi o papel único que Cabo Verde, desde sempre, ocupou no Império Colonial Português. Primeiro como entreposto de escravos, depois, com a abolição da escravatura, o “esquecimento” pelo Império desta colónia, pela simples razão de não possuir riquezas a explorar. Expliquei numa forma resumida a importância da Carta Atlântica e da Segunda Guerra Mundial para o aceleração do processo da descolonização das colónias em África. Nomeadamente a importância da ONU, para a defesa da autodeterminação dos povos colonizados. A seguir apresentei a política do Estado Novo, para combater a pressão internacional; luso-tropicalismo, propaganda e a C.E.I.. Referi a C.E.I. como berço da consciência nacionalista africana. Expliquei a ideologia e doutrina do P.A.I.G.C., sublinhei como base desta ideologia a importância das tradições culturais e a valorização da História pré-colonial para que cada identidade individual se identifique numa única identidade nacional. Expliquei numa forma resumida que a base do nacionalismo africano assenta no nacionalismo Europeu, na sua conceptualização de nação (Conferência de Berlim), bem como nos princípios liberais e humanistas que foram determinados pelas revoluções: Americana e Francesa. Referi o povo, marcado pela miséria, exploração e discriminação, como o sustentáculo da luta pela libertação nacional. Terminei, referindo a

Revolução dos Cravos e a consequente independência das colónias, nomeadamente Guiné e Cabo Verde.

No primeiro romance, a construção da identidade nacional passa pela consciencialização dessa identidade para o conjunto das tradições culturais que os unem, nomeadamente, a cozinha tradicional, a Língua e as histórias orais. Nesta obra as personagens unem-se para celebrar o dia em que libertaram o último bastão do colonialismo, e não para comemorarem o dia em que Portugal se tornou livre do regime fascista. Durante a descrição destes tempos conturbados da luta pela libertação nacional em Cabo Verde ou da Revolução dos Cravos em Lisboa, o narrador, de uma forma irónica, ridiculariza o heroísmo daqueles que entendem ter liderado estas duas revoluções, pois, como descreve, tanto em Cabo Verde como em Lisboa não houve uma significativa resistência. No segundo romance, a identidade nacional é reconstruída com o auxílio a um testamento, que mais não é do que um documento Histórico da Nação. As personagens buscam no passado do Sr. Napumoceno, o passado da Nação, procuram nesse passado o sentido para o presente, buscam as suas origens, as suas raízes, os seus valores, para que se poderem dar sentido. O narrador denuncia o facto do Império se ter “esquecido” de Cabo Verde e, ainda, das forças colonizadoras em Cabo Verde serem sobretudo representadas por cabo-verdianos. Em ambos os romances Portugal aparece como sendo um país atrasado, desorganizado e, um distante, colonizador. Em nenhum destes romances aparece como personagem um colonizador português com forte, ou mesmo fraca, presença. Em ambos os períodos da narração, colonial e pós-colonial, a presença de Portugal é nula. Pude, também, constatar em ambos os romances o importante papel da Literatura como instrumento fundamental para a difusão dos ideais nacionalistas. Isto porque, ambos os narradores revelam não só uma preocupação em ajudar a construir uma identidade nacional à volta das tradições culturais e História, como também alertam esta consciência colectiva para as novas armadilhas do neo-colonialismo. Denunciam, por exemplo, o oportunismo político, os falsos valores sociais, os jogos de interesse e a hipocrisia do poder político e económico das ilhas.

É necessário existir uma consciencialização da identidade colectiva para com os ideais nacionalistas, para que através deste reconhecimento a Nação se reforce dentro das suas, imagináveis, fronteiras. Assim, Nação, Nacionalismo, identidade nacional/colectiva são conceitos inseparáveis. Também, não poderemos falar de Cultura ou de História se não existir um povo. A problemática do Nacionalismo envolve um vasto número de outros conceitos, que são inseparáveis e se definem dentro do próprio Nacionalismo. Assim, o conceito de

Nacionalismo assenta como base no seu povo e na Nação em plenitude. Todas as Nações procuram formas de se distinguirem das outras Nações, e, é o conjunto destas diferenças que denominamos de Nacionalismo. Todavia, na primeira obra que analisei o narrador chama a atenção para o perigo da *globalização* como arma destruidora do Nacionalismo. O facto de não se pertencer a algo em particular, segundo este narrador, é tão grave como pertencer a duas Nações.

Para concluir, considero que estes dois romances se completam um ao outro, ambos focando diferentes aspectos do nacionalismo cabo-verdiano, o primeiro as tradições culturais e o segundo a reconstrução da História, mas idênticos no combate anti-colonial, anti-imperialista e anti-neocolonialista. Para ambos os narradores, Nacionalismo e Nação é em Cabo Verde: *Devera devera sabura é li na nôs terra*<sup>13</sup>!

---

<sup>13</sup> *Devera devera sabura é li na nôs terra*: na verdade estar-se bem é aqui na nossa terra. In: *Glossário*, DPCA, 1999:225.

## Bibliografia

### Bibliografia Activa

Almeida, Germano. *Dona Pura e os Camaradas de Abril*. Lisboa: Editorial Caminho, 1999.

---. *O Testamento do Sr. Napumoceno da Silva Araújo*. Lisboa: Editorial Caminho, 1991.

### Bibliografia Passiva

Almeida, Miguel Vale de. *Outros destinos, Ensaios de Antropologia e Cidadania*. Porto: Campo das Letras, 2004.

Amuta, Chidi. Fanon, Cabral and Ngugi on National Liberation. In: *The post-colonial studies reader*. London: Routledge, 1995.

Andrade, Elisa Silva. Cape Verde. In: Patrick Chabal et al., *A History of Postcolonial Lusophone Africa*. London: Hurst & Company. 2002.

Cabral, Amílcar. *Nacionalismo e Cultura*. Santiago de Compostela: Edicións Laiovento, 1999.

Cadamosto, Luís de. *Navegações de Luís de Cadamosto*, ed. e trad. de Giuseppe Carlo Rossi. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura, 1944.

*Encyclopedia Britannica*. U.S.A.: By Encyclopedia Britannica, 1993.

Fanon, Frantz. National Culture. In: *The post-colonial studies reader*. London: Routledge, 1995.

Henriques, Isabel Castro. A sociedade colonial em África. Ideologias, Hierarquias, Quotidianos. In: *História da Expansão Portuguesa*. Vol. 5. Navarra: Temas e Debates e Autores, 2000.

Léonard, Yves. O Ultramar Português. In: *História da Expansão Portuguesa*. Vol. 5. Navarra: Temas e Debates e Autores, 2000.

Martins, Pedro. *Testemunho de um combatente*. Praia-Mindelo: Instituto Camões Centro Cultural Português, 1995.

McLeod, John. *Beginning Postcolonialism*. Manchester: Manchester University Press, 2000.

Medeiros, Paulo de. Em nome de Portugal. In: *Literatura, Nacionalismos, Identidade*. Coimbra: Universidade Aberta, 1996.

PAIGC, 1974. *História da Guiné e Ilhas de Cabo Verde*. Porto: Edições Afrontamento, 1974.

Pinto, António Costa. A Guerra Colonial e o fim do Império Português. In: *História da Expansão Portuguesa*. Vol. 5. Navarra: Temas e Debates e Autores, 2000.

Sousa, Albano Neves. Angola e o tempo. In: *Boletim do Instituto de Angola*. N°2. Outubro/ Novembro/ Dezembro, 1953.

### **Artigos da Internet**

Ben Oliel family

[http://en.wikipedia.org/wiki/Jews\\_of\\_the\\_Bilad\\_el-Sudan\\_\(West\\_Africa\)](http://en.wikipedia.org/wiki/Jews_of_the_Bilad_el-Sudan_(West_Africa))

Campo de Concentração do Tarrafal

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Tarrafal>

Carta Atlântica – 1941

<http://www.dw-world.de/dw/article/0,2144,319569,00.html>

Conferência de Berlim 1884/ 85

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Confer%C3%Aancia\\_de\\_Berlim](http://pt.wikipedia.org/wiki/Confer%C3%Aancia_de_Berlim)

Crioulo cabo-verdiano

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Crioulo\\_cabo-verdiano](http://pt.wikipedia.org/wiki/Crioulo_cabo-verdiano)

Guerra da Independência dos Estados Unidos da América

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra\\_da\\_Independ%C3%Aancia\\_dos\\_Estados\\_Unidos\\_da\\_Am%C3%A9rica](http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_da_Independ%C3%Aancia_dos_Estados_Unidos_da_Am%C3%A9rica)

Nacionalismo "versus" patriotismo

<http://ciberduvidas.sapo.pt/php/correio.php?ano=2004&mes=7>

Revolução Francesa

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o\\_Francesa](http://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Francesa)

Segunda Guerra Mundial

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Segunda\\_Guerra\\_Mundial](http://pt.wikipedia.org/wiki/Segunda_Guerra_Mundial)